



**A Outra Face das Cidades:
Intervenções (não institucionais) do espaço urbano – os *squatters***

Cleber Rudy¹

Resumo: O presente artigo visa tecer algumas considerações sobre o movimento *squatter*, que enquanto manifestação de intervenção urbana – surgido na senda da contracultura europeia dos de 1960 –, ganhou compostura em diversos centros citadinos, inclusive em cidades do Brasil, via a ocupação de espaços desocupados e/ou abandonados.

Palavras-chave: cidades; capitalismo; anarquismo.

**The Other Face of Cities:
Interventions (non-institutional) of urban space – the squatters**

Abstract: This article aims to present some considerations on the squatter movement, which as a manifestation of urban intervention – emerged in the wake of European counterculture of the 1960s –, gained composure in several townspeople centers, including cities in Brazil, via use of vacant spaces and / or abandoned.

Keywords: cities; capitalism; anarchism.

¹ Doutor em História Social pela UNICAMP. Professor de História na rede pública de Santa Catarina.



Okupamos para experimentar a liberdade.
Ele / ela que ocupa, coloca a sua liberdade
no centro e a coletiviza: cria outro mundo distinto.
A relação com o poder de uma okupação não se dá como relação de força,
senão como relação entre os mundos (formas de vida).
Estes mundos que se criam na okupação
são como a água que se infiltra no espaço-tempo para abrir brechas.
Não só okupamos por necessidades (moradia, eletricidade...) também,
e sobretudo, por desejos de viver outra sociabilidade.

Centro Social Okupado *El Palomar* (Barcelona-Espanha)¹

Reportando-se a certas dimensões da vida urbana nos grandes centros, o sociólogo alemão Georg Simmel (2005, p. 577), escreveu: “os problemas mais profundos da vida moderna brotam da pretensão do indivíduo de preservar a autonomia e a peculiaridade de sua existência frente às superioridades da sociedade [...]”, dito isso, ao projetar-se nas cidades um espaço de motivações políticas (individuais e coletivas), é certo que, em sua dinâmica social, as cidades fomentaram diversas formas de intervenções urbanas que visam preservar a autonomia, a exemplo do movimento de okupação² (grafado com a letra k), que, entre outras coisas, ambiciona construir novas formas de sociabilidade em meio ao cenário urbano.

Nascido na Europa, durante a década de 1960, o movimento *squatter* propôs, enquanto alternativa ao problema habitacional, a okupação de casas, apartamentos e prédios desocupados ou abandonados em razão da especulação imobiliária. Em suma, “o movimento de ocupação na Europa (*squatters*, *krakers* e similares) [iniciou-se] quando integrantes dos movimentos estudantis começaram a ocupar apartamentos ou prédios inteiros para morar e/ou usar como espaço para shows e outras atividades” (TUINSTRA & FARIAS, 1991, p. 42). Desta maneira, experiências de ocupação fizeram-se presentes na Inglaterra, Alemanha, Holanda,

¹ Constituía-se de um edifício (pertencente ao poder público municipal) localizado no bairro Sant Andreu, em Barcelona que foi okupado em 1997 e que persistiu até 2002, quando foi desalojado mediante ação policial. Era um dos mais emblemáticos espaços do movimento okupa espanhol.

² Ao grafar a expressão okupação com a letra k, o objetivo é diferenciar-se ideologicamente de outras categorias de ocupações urbanas, focadas unicamente no direito à moradia e sem orientação política definida.



Itália, Espanha etc. seguidas da formação de organizações como *London Squatters Campaign*¹ (Inglaterra, 1968), *Advisory Service for Squatters*² (Inglaterra, 1975), *BI: Bürgerinitiative SO 36*³ (Alemanha, 1977) etc.

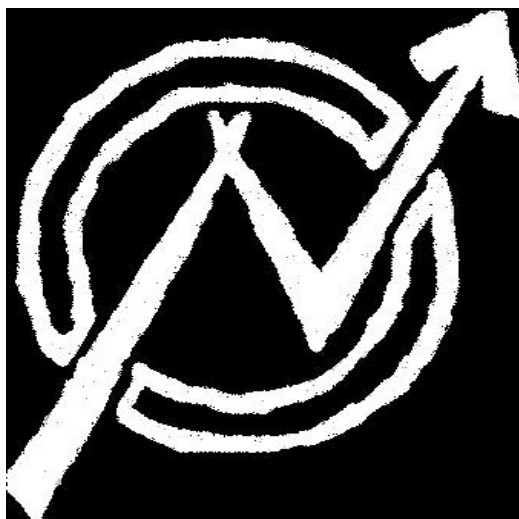


Figura 1 – Símbolo Squatter.

Além disto, no fervor da contracultura dos anos de 1960, que agitaram a Holanda (como o resto do Ocidente), por intermédio de movimentos de contestação como o *Provos* (1965-1967), conhecido por seu ativismo anarquista, que promovia diversas práticas de ação direta, como o *White Houses Plan* (Plano das Casas Brancas), que instigava e mobilizava a ocupação de casas vazias em Amsterdã – sinalizadas com a pintura de portas e fachadas na cor branca – é que se viu germinar o movimento *Kraker* – termo originário da palavra *crac*: quebrar – o qual ganharia notoriedade internacional. No auge de suas ações, ocorridas, sobretudo na década de 1980, em que se apontam a existência de mais de 15 mil ocupações, o grupo deu forma a um importante arsenal de propaganda, constituído pela a revista *Bluf!*, rádios clandestinas, livrarias, oficinas gráficas, acessória jurídica e bares/café – a exemplo

¹ Grupo que assessorava ações diretas a espaços abandonados, assim como promovia campanhas que objetivavam chamar a atenção do poder estatal para o problema habitacional.

² Organização ainda na ativa que presta serviços gratuitos de aconselhamento (técnico e jurídico) para membros de espaços ocupados, sendo responsável pela publicação do manual (guia de ocupação) *Squatters Handbook*, no qual defendem: “casas não devem estar vazias, enquanto há pessoas sem moradia para viver”.

³ Entidade que fomentava iniciativas de defesa da cidadania e do direito à moradia, colocando-se em campanhas contra a especulação imobiliária e, concomitantemente, defendendo a ocupação como uma prática de ação direta.



do *Crowbar* e do *Squat*. E frente às ações de despejo¹ assessoradas pela polícia, corriqueiramente marcadas por espancamentos e detenções, os *Krakers* criaram recursos de resistência que iam de um elaborado sistema de comunicação (rede de ajuda) que mobilizava dezenas de militantes, até o uso de barricadas, pedras e coquetéis *molotovs*. Logo eles foram um dos embriões do movimento *squatter* de verve anarquista (RUDY, 2013, p. 35).

Nessa senda, o jornalista e escritor brasileiro Ignácio de Loyola Brandão durante sua estadia na Alemanha Ocidental, na década de 1980, curiosamente, registrou importantes elementos da atmosfera urbana daquele país, referentes às okupações.

Passo por um prédio carcomido. Paredes descascadas, repletas de inscrições indecifráveis. Uma bandeira que foi branca tremula no alto. Tem um círculo e uma espécie de raio apontando para cima. [...] Fui encontrando aquele símbolo, tremulando em bandeiras no alto dos prédios. Pintados nas portas, janelas. Via cartões postais. Que tipo de coisa podia ser esta? Uma brincadeira, organização estudantil, sociedade secreta? Um mistério que me envolveu, deixei alimentar por um tempo. É bom se rodear de um enigma, pensar nele, sonhar loucuras. Aquele sinal seria um código, elemento de identificação, senha? Era tão constante, tão recorrente na paisagem berlinense. Depois de algum tempo, descobri. O sinal nada mais era que a representação de um movimento importante na nova Alemanha (BRANDÃO, 1986, p. 52).

Tais sensações assinaladas por Loyola Brandão tinham como contexto o fato que ao final dos anos de 1970, Berlim abrigava cerca de 10.000 edifícios vazios, assim como ostentava um mercado imobiliário fortemente amparado no regime de aluguel [90 %] (LÓPEZ, 2002, p. 101), frente a isso, segmentos jovens, sobretudo ligados a coletivos punks e anarquistas, realizaram okupações massivas desses espaços, dando forma a diversos *squats*, a exemplo do *Vorkriegsjugend*. Segundo aponta o sociólogo Lorenzo Navarrete Moreno (1999, p. 23), “okupar corresponde a uma necessidade de um espaço que pode ser okupado para moradia ou okupado para ser um centro social, para a realização de atividades artísticas, políticas, culturais”.

¹ Recentemente mudanças na legislação da Holanda, deram forma, em 2010, a lei “antikraak”, criminalizando as ações de ocupação e colocando em xeque inúmeros espaços mantidos pelos *krakers*, situação que tem gerado fortes protestos.

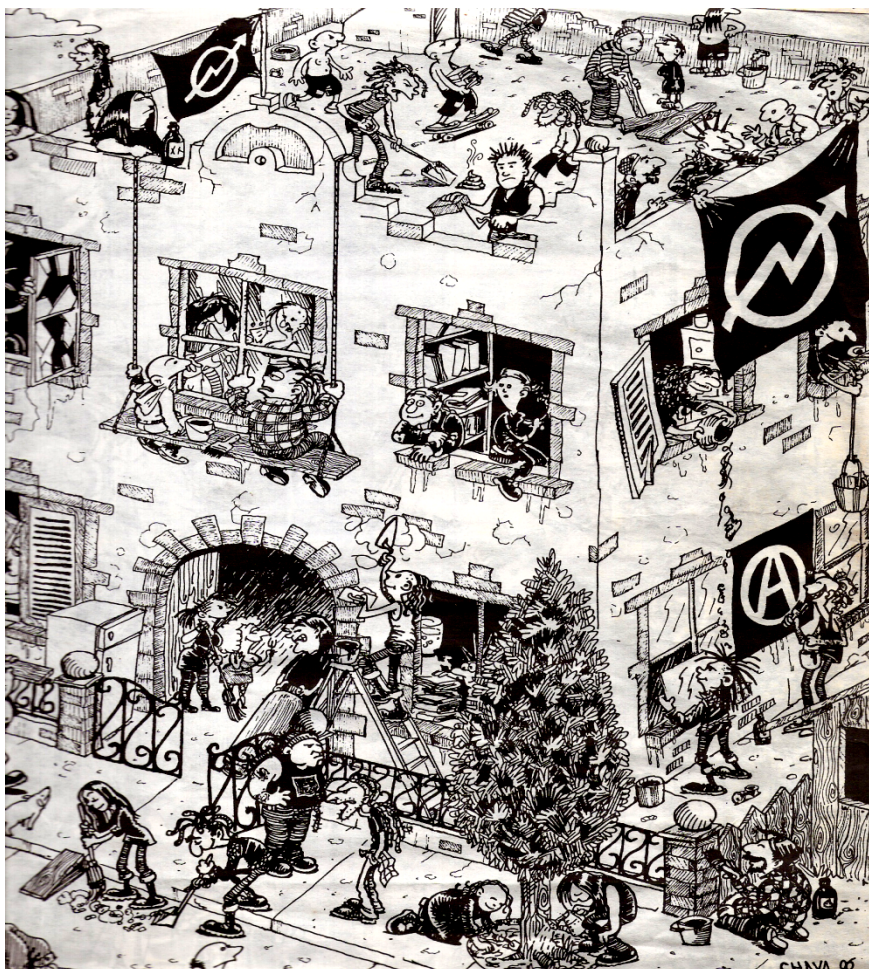


Figura 2 – Charge: trabalho coletivo de revitalização dos espaços okupados.

Enquanto forma de ação direta (ilegal e coletiva), o movimento de okupação “promove e pratica a autogestão da vida cotidiana e do espaço público como valor de uso” lançando fortes críticas “a especulação imobiliária e a carência de habitações e locais sociais acessíveis a juventude sem recursos” (LÓPEZ, 2002, p. 65), ou seja, visa “consolidar alternativas autogestionárias (fora do mercado e em conflito direto com as insuficiências do Estado de bem-estar) aos problemas de moradia” (LÓPEZ, 2002, p. 99). Não raro, as ações especulativas do mercado imobiliário, na busca por maiores dividendos, acabam por fomentar a manutenção de diversos espaços vazios. Na Europa, desde longa data,

A jogada era a seguinte: o aluguel ou venda de apartamento segue tabelas de acordo com a idade da construção. Enquanto que há praticamente total liberação para os novos, recém-acabados, os mais antigos seguem tetos que não podem ser ultrapassados e sempre são baixos. Portanto, acessíveis a



camadas da população de renda menor, ou desempregados, ou estudantes que vivem de mesadas e bolsas. A política de aluguel baixo ou venda a um preço determinado não interessa aos proprietários. Daí o esvaziamento, a espera da decadência, a demolição (BRANDÃO, 1986, p. 221).

Em seu desfecho, outro componente agregado às demandas do mercado imobiliário é o processo de gentrificação, este elemento gerador de espaços “ociosos” e agente fomentador de despejos. Apesar das diferentes possibilidades de aplicação, pode-se dizer, grosso-modo, que a gentrificação se traduz num excludente conjunto de transformações do espaço urbano, através do privilégio concedido a determinados segmentos sociais, visando à recuperação do valor imobiliário de ordenadas áreas urbanas e o enobrecimento de regiões centrais das grandes cidades. Ao tratar da política de gentrificação generalizada que tomou conta de Nova Iorque (EUA), o geógrafo Neil Smith, apontou:

As lutas contra ela culminaram entre os anos de 1988 e 1991, com a tomada, pelos sem-teto, *squatters*, militantes e moradores do bairro, do Tompkins Square Garden, no Lower East Side, em resposta a uma escandalosa tentativa da polícia de impor um toque de recolher. Somente em 1991 o parque foi recuperado pela polícia municipal de Nova Iorque (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006, p. 69).

Na Inglaterra, onde surgiram os primeiros estudos na década de 1960¹ sobre o processo da gentrificação, o *squatting* não era considerado crime²: “se você consegue entrar num prédio, sem causar danos criminosos óbvios, e trancá-lo, ele se torna sua residência legalmente. Você tem direito a receber sua correspondência ali, serviços como eletricidade e gás, coleta de lixo e privacidade” (KURU, 2000, p. 18). Podendo ainda, frente aos riscos de reintegração de posse, contar com organizações como a *Advisory Service for Squatters* (ASS), serviço consultivo que presta assistência a *squatters*, assim como orientação sobre a tática de ocupar,

Há todo um procedimento a ser seguido, em encontrar um lugar, ficar de butuca por umas tardes, não invadir sozinho para não ter problemas com os vizinhos ou a polícia, trancar o local e tirar os lacos das janelas, colocar o *Legal Warning* (aviso legal) fora da casa (que consta como parte do seu direito legal de estar invadindo), troca de fechaduras... A polícia não pode entrar sem um mandato, a não ser que você resolva bancar o malvado. Você explica pra eles (sendo firme e educado, mas não abra a porta!)

¹ A socióloga Ruth Glass inaugurava em 1964 a expressão *gentrification*, durante um de seus estudos sobre as transformações imobiliárias em Londres.

² Ao final de 2012 mudanças legislativas (Art. 144) passaram a tratar a questão das ocupações com outros olhos, o que redundou na criminalização por parte do Governo a ocupações de propriedades domésticas, assim como simplificou o processo de recuperação dos imóveis por parte dos proprietários. Tal medida tem gerado inúmeros protestos e debates em torno da questão habitacional na Inglaterra.



que o dono tem que passar pelos procedimentos legais para ter seu imóvel de volta. Depois traga suas coisas pra dentro, nunca deixe o prédio vazio e faça seu registro de gás ou eletricidade (isto é pago e opcional) (KURU, 2000, p. 18).

Em diversos países da Europa, a partir dos anos de 1980, essa modalidade de luta urbana estreitou vínculos com a cultura punk e o anarquismo, dessa aliança político-cultural germinaram diversos centros de atividades sociais, como foi o *121 Centre*, localizado no distrito de Brixton, em Londres, na Inglaterra, ocupado em 1981 manteve-se ativo até 1999, realizando uma gama de atividades. Segundo afirma um ex-morador do *121 Centre*:

Organizávamos festas e *gigs* (shows) constantemente, e às vezes até rolavam umas exposições de arte. Toda e qualquer atividade no 121 Center tinha viés político, de puro ativismo. Estávamos ali, contrários à vontade do Estado e da polícia, a grande maioria de revolucionários e eco-terroristas [...]. A gente ia nos *skips* (lixos grandes) atrás dos supermercados e feiras, e pegava tudo o que eles não queriam mais...Era muita comida, às vezes cozinhávamos para quase 100 pessoas! (KURU, 2000, p. 18).

As atividades promovidas pelas Okupações/*Squats* ou Centros Sociais Okupados Autogestionados (CSOA) – como também são designados tais espaços em algumas partes da Europa¹, sobretudo na Espanha – variam em sua dinâmica, mas geralmente perpassam pela criação de oficinas de teatro, música, autodefesa, pintura, horta orgânica; reparo de bicicletas ou computadores; realização de shows musicais; eventos gastronômicos comumente vegetarianos e/ou veganos etc., desta forma, instigando especialmente a participação de alas jovens em novas formas de ação coletiva. Como destaca o historiador Richard Morse, as cidades na perspectiva de “arenas culturais” tornam-se um “lugar de germinação, de experimentos e de combate cultural”, o que permite inserir nesse cadinho de experiências sociais as okupações, mediante “a necessidade de um espaço para desenvolver atividades artísticas, políticas, culturais etc. de maneira autônoma, sem mediações ou dependências institucionais” (MORENO, 1999, p. 16).

No labirinto citadino: algumas experiências de okupação no Brasil

No Brasil a prática *squatter* deu seus primeiros passos no final da década de 1980. Porém a primeira experiência de repercussão no Brasil – a ganhar destaque na mídia – ocorre na década de 1990, na capital do Estado de Santa Catarina. Tratava-se de um prédio pertencente à prefeitura de Florianópolis, composto de 15

¹ Outra denominação usada é Centro Social Juvenil (CSJ).



cômodos, okupado em julho de 1993, por cerca de 10 anarco-punks¹, que almejavam criar um espaço alternativo destinado à produção cultural. A criação dessa okupação [Espaço Cultural Alternativo], era visto pelo grupo de anarco-punks como uma proposta de vivência, permeado pelo exercício dos princípios libertários: autogestão, apoio mútuo, autonomia e, da afronta aos valores do mundo capitalista, entre o quais, o da propriedade privada e da massificação cultural.

Sobre tal iniciativa o jornal *O Estado*, de 13 de julho de 1993, publicado em Florianópolis, estampava em suas páginas, o seguinte título: *Anarco-punks invadem prédio buscando um espaço alternativo*, e escreve: "Eles são anarquistas, mas frisam que não são desordeiros. Prova disso é a tentativa de recuperar o local abandonado desde o incêndio que aconteceu no ano passado. Sonham com um mundo onde não existam governantes, apenas respeito entre as pessoas" (O ESTADO, 1993, p. 09).



Figura 3 – Espaço Cultura Alternativo (Florianópolis-SC).

Nas circunstâncias de toda uma descaracterização do ideal anarquista, comumente tachado como desordem pelos meios de comunicação, os anarco-punks faziam questão de afirmar a força e a criatividade do pensamento libertário como intervenção política, em busca de saídas ao modelo de organização capitalista. Neste caso, colocando em prática a constituição de um *squat* que buscava tornar-se

¹ A partir da década de 1980, através do contato com militantes anarquistas e da participação em discussões promovidas por coletivos libertários de São Paulo – que retomavam suas atividades mediante o processo de abertura política, a exemplo do Centro de Cultura Social (CCS) –, alguns punks passavam a assumir uma identidade de luta compromissada com as questões sociais e marcada por reflexões oriundas do anarquismo. O que redundou na formação do Movimento Anarco-Punk (MAP), que no transcurso da década de 1990 agregava uma rede de núcleos em diversas cidades do Brasil.



um espaço alternativo, destinado a eventos e trabalhos que se colocavam na contramão do sistema social excludente, ou seja, via “formas de viver insubmissas no ventre da insaciável cidade capitalista” (DOMÍNGUEZ; MARTÍNEZ; LORENZI, 2010, p. 05). Definitivamente,

Desde o momento que se okupa um edifício abandonado para proporcionar um alojamento acessível ou para desenvolver todo tipo de projetos sociais (de encontro socializador, de debate político, de expressão artístico-cultural, ou de autogestão econômica) sem a carga onerosa e injusta do aluguel ou da compra a preço de mercado, se estão abrindo algumas portas imprescindíveis para a autonomia e a subsistência da sociedade (DOMÍNGUEZ; MARTÍNEZ; LORENZI, 2010, p. 06).

O *Squat* ou *Okupa*, propriedade ocupada ilegalmente, solidifica-se por intermédio do comprometimento coletivo: puxar água, luz (por vezes de forma clandestina), limpeza e reforma em regime de mutirão. Ao passo que a organização política do espaço segue o princípio libertário da autogestão, em que a administração do lugar se desenvolve mediante o compartilhar de responsabilidades entre os envolvidos, todos tendo o mesmo poder de decisão. Também há solidariedade entre as okupações existentes no Brasil, seguido de uma rede de intercâmbio internacional com outros *squatters*.

No Sul do Brasil, ainda na década de 1990, outra okupação levada a cabo por anarco-punks ganharia alento em julho de 1995, na periferia de Curitiba. A mesma ficaria conhecida como *squat* Kaäza – que durou por mais de uma década. Os *okupas* tinham nas atividades de rua, como a venda de *fanzines* (jornalinhos confeccionados de forma artesanal) e adesivos (feitos na própria serigrafia do *squat*), uma fonte de rendas para melhoramento da okupação e sustento do grupo. Essas atividades autogestionadas serviam como alternativa econômica frente ao trabalho formal.

Os militantes *squatters* também encontraram, no desperdício da sociedade de consumo, uma rica fonte de suprimentos. Assim, do excedente tornado lixo e abandonado pelas calçadas – especialmente nos grandes centros urbanos – garimpam-se materiais que serão usados na restauração de construções degradadas, ou como mobiliário nos espaços okupados, em que a criatividade se torna o diferencial nessa arte de reciclar.

Também em Curitiba, alguns punks anarquistas – que haviam passado pela experiência do *squat* Kaäza – okupavam em 1997, outra casa abandonada, próxima ao centro, constituída de dois andares e dividida em 17 cômodos, surgindo assim o *squat* Payoll. A respeito dos primeiros dias no espaço, os *squatters* lembram:



Tivemos também no começo, muito trabalho com a limpeza, pelo motivo da casa ser muito grande e a quantidade de lixo, entulho e merda ser enorme, como a água ainda não havia sido religada, tivemos que pegar água na vizinhança e limpamos as partes que precisávamos mais. Todos os banheiros da casa estavam entupidos, havia muitos vidros quebrados, algumas portas fora do lugar e várias pichações bestas por toda parte, o encanamento também estava danificado (OS IMPREGNANTES, 1998, p. 13).

Na busca por atuar como uma célula cultural alternativa, o *squat* Payoll organizava em setembro de 1998 sua primeira Jornada Cultural, com palestras sobre movimento punk e *squatter*, exposição de vídeos, recitais de poesias, teatro e show beneficente ao *squat*. Desta forma, visando com tal evento levantar fundos para reformas do espaço, a exemplo do sistema elétrico da casa.

Todavia, mediante ações policiais, que teriam como saldo apreensões de materiais – incluindo registros documentais que comprovariam a melhoria do espaço –, seguido da prisão de vários *okupas*, começava-se a prever que o *squat* Payoll não sobreviveria para ver o novo milênio. A situação complicar-se-ia no transcurso de 1999, frente a uma ação reivindicatória movida pelo proprietário do imóvel, contra os ocupantes do espaço, que responderiam pelo Art. 150 do Código Civil, ou seja, invasão de domicílio. Mesmo os *squatters* contando com a assistência jurídica de um advogado ligado a movimentos sociais, o processo resultou numa já evidente ação de despejo.



Figura 4 – Squat Payoll (Curitiba-PR).



Inegavelmente, não é demais sublinhar que as cidades, como “estado de espírito” ou “entidades físicas” projetam-se como uma “janela aberta” para distintas intervenções urbano-culturais e, no caso de grandes centros como São Paulo, “uma metrópole cultural é uma fonte inovadora de estilos, idéias e formas culturais” (MORSE, 1970, p. 416), agregando, inclusive emanações político-culturais não institucionais, a exemplo dos centros culturais autônomos e autogestionados¹. Nessa perspectiva, em outubro de 2000, na cidade de Atibaia, interior de São Paulo, surgiu o *squat* Taturana, posteriormente renomeado de Casa Reciclada, o qual tinha como objetivo atuar como espaço cultural, seguido da organização de uma cooperativa (produção de saches, sabonetes e velas perfumadas) para autonomia financeira do grupo. Aliás, sendo um dos poucos espaços okupados que perdura por mais de uma década, e que tem tentado junto à prefeitura regularizar (legalizar) sua situação como espaço “estável”, por intermédio de usucapião.



Figura 5 – Cartaz do Segundo Encontro de Okupas (Atibaia - São Paulo)

¹ Outras experiências de okupação ocorridas em São Paulo foram os *squats*: Dandara (Piracicaba), Guaiana (São Paulo), Casa Aberta (São Paulo), Timothy Leary (Campinas), A1 (Santo André) e Luz de Velas (São José do Rio Preto).



Além disto, entre os anos 2001 e 2002 o espaço Casa Reciclada atuou como uma espécie de célula fomentadora de encontros de reflexão coletiva e confraternização entre ativistas da cena okupa brasileira. O que permitiu, em certa medida, estreitar relações entre localidades distantes e entre militantes. De mais a mais, contribuiu para intensificar a socialização de informações sobre o movimento *squatter* internacional (via uma rede de correspondências mantida entre militantes punks, okupas de diversos países), bem como permitiu consolidar novas tentativas de ocupação no Brasil. Desta forma, em Campinas (SP), em 2001, um grupo de punks ocuparam parte da Estação Ferroviária Mogiana [desde longa data desativada], fazendo surgir o Espaço Contracultural Pomba Negra¹, a partir daí, desenvolvendo uma gama de atividades, enquanto tentativa de “inclusão social recíproca via propostas de atividades com a comunidade” (MORENO, 1999, p. 19). Assim,

subsiste na estação da rede Mogiana há mais de um ano, o Espaço Contracultural Pomba Negra. Formado por iniciativa de indivíduos autônomos, o projeto desse espaço visa à construção, junto da comunidade local, de um ambiente mais rico culturalmente, tornando a cultura e a contracultura mais acessíveis à população que ali se encontra. O projeto conta com oficinas de reciclagem, de batucada, apresentações teatrais, musicais, de vídeos, capoeira, uma biblioteca, um parquinho para as crianças, hortas e canteiros de ervas medicinais. A Estação, que já foi ponto de tráfico de drogas, conta agora com a interação fomentada pelo pessoal do Pomba Negra entre os moradores da rede Mogiana. Em relação há dois anos atrás, muitos moradores afirmam que a Estação se encontra muito mais limpa e habitável (CIRCULAR, s/d, folha única).

Em 2003, mediante projeto de “revitalização do centro” numa parceria entre UNICAMP e Prefeitura Municipal de Campinas, o *squat* Pomba Negra foi desalojado, para ali, na antiga estação, ironias à parte, ser criado o Centro Cultural de Inclusão e Integração Social.

A esta altura, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, o Espaço Kultural Autônomo Autogerido Teimosia que ganhava forma em julho de 2004, constituía-se num tijolo a mais na construção do movimento *squatter* brasileiro, o qual ganhava novo corpo no século 21 – por intermédio de uma gama de okupações², realizados em distintas regiões do Brasil. Com o projeto de atuar como centro cultural, o *squat* Teimosia – uma casa composta de 30 cômodos, localizada no Bairro Bom Fim, área nobre no centro de Porto Alegre –, abrigava biblioteca e videoteca, patrocinava

¹ Além do Pomba Negra existiram na Estação Ferroviária Mogiana os *squats* Refugio e Intruso, surgido a partir de membros dissidentes do espaço Pomba Negra.

² Entre 2004 e 2012 tem-se o registro da realização de pelo menos 26 okupações.



oficinas de confecção de velas, oficinas de capoeira e trabalhos com *graffiti* etc. Assim segundo registram os integrantes do espaço “desde julho deste ano [2004] estamos transformando o imóvel abandonado, que antes se encontrava ocioso e sem função social alguma, num espaço habitável, com o objetivo de fomentar atividades culturais e educacionais acessíveis à comunidade, isto é, sem visar o lucro” (CARTA ABERTA, 2004, folha única). Definitivamente, no início de 2005, frente uma ação de reintegração de posse, o *squat* Teimosia era desalojado. Todavia, os anseios de manutenção de um espaço cultural alternativo não pararam por aí, outras tentativas de okupação em Porto Alegre (RS) resultaram na criação do *squat* N4, posteriormente chamado de Bosque Ibirapijuca.



Figura 6 – Fachada do *squat* Teimosia (Porto Alegre-RS).

De qualquer forma, o movimento *squatter* – com ações concentradas especialmente na região Sul e em São Paulo – abrigou experiências em cidades de outros estados brasileiros, a exemplo de Minas Gerais, Acre, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Distrito Federal, Bahia, Espírito Santo, Paraíba, Ceará. Desta maneira, para os *squatters* a cidade é indubitavelmente o seu lugar de experiência político-social. Ademais, tais práticas de intervenção revelam que “as lutas urbanas nascem de reclamações imediatas e de contradições concretas. Demolem-se edifícios, aumentam as rendas, sobe o preço dos transportes” (SCHECTER, 1983, p. 143). E frente a tais imperativos socioeconômicos, os *squatters* tem fomentado formas de resistência à organização capitalista da vida



urbana, propondo alternativas ao problema habitacional e a excludente política cultural, geridas nas tramas cidadinas.

Algumas Experiências Squatters no Brasil (majoritariamente extintas)

Nome do Squat	Ano (Início)	Localidade
Ocupação	1989	Curitiba-PR
Casa de Anita	1991	Juiz de Fora-MG
Espaço Cultural Alternativo	1993	Florianópolis-SC
Kaäza	1995	Curitiba-PR
Payoll	1997	Curitiba-PR
Colina	1997	Porto Alegre-RS
Resist	1997	Porto Alegre-RS
Sobrado	1999	Curitiba-PR
Chalé	1999	Curitiba-PR
Getúlio	1999	Curitiba-PR
Mansão	2000	Curitiba-PR
Casa Reciclada	2000	Atibaia-SP
Pomba Negra	2001	Campinas-SP
Dandara	2001	Piracicaba-SP
Guaiana	2001	São Paulo-SP
A27	2002	Porto Alegre-RS
Teimosia	2004	Porto Alegre-RS
Kasa Verde	2005	Rio Branco-AC
Okupa que se Cria	2005	Porto Alegre-RS
Korr-Cell	2006	Blumenau-SC
Bosque Ibirapijuca	2006	Porto Alegre-RS
Flor do Asfalto	2006	Rio de Janeiro-RJ
Casa Viva	2006	Natal-RN
CasAtiva Ivy-Marae	2006	São Leopoldo-RS
Centro Cultural Casa das Pombas	2007	Brasília-DF
J13	2007	Curitiba-PR
Casa Aberta	2008	São Paulo-SP



Okupa 171	2009	Pelotas-RS
Casa da Resistência	2009	Feira de Santana-BA
Pântano Revida	2009	Aracruz-ES
Cine São José	2010	Campina Grande-PB
Toren	2010	Fortaleza-CE
Timothy Leary	2011	Campinas-SP
A1	2011	Santo André-SP
Taboca	2011	Natal-RN
Käsarão	2011	Joinville-SC
Kurui`ra	2011	Joinville-SC
Guamirim de Maio	2011	Lages-SC
Kasa Atazana	2012	Cidade Nova-RS
Casa 24	2012	Rio de Janeiro-RJ
Alvorada Libertária	2012	Maringá-PR
Exílio 11 de Maio	2012	Florianópolis-SC
Luz de Velas	2012	São José do Rio Preto-SP

Referências

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **O verde violentou o muro**. 11 ed. São Paulo: Global, 1986.

Carta aberta à comunidade local. Porto Alegre, 5 de dezembro de 2004.

Circular. Projeto de revitalização do centro campineiro, visando transformar a Estação Ferroviária da Mogiana num Centro Cultural administrado pela Unicamp com parceria com a Prefeitura Municipal de Campinas. s/d. Folha única.

DOMÍNGUEZ, Mario; MARTÍNEZ, Miguel Ángel; LORENZI, Elísabeth. **Okupaciones en movimiento: derivas, estratégias y prácticas**. Madrid: Tierradenadie ediciones, 2010.

KURU. **Squatters: os anarquistas sem teto de Londres**. Revista Dynamite, Ano 9, nº 38, 2000.

LÓPEZ, Miguel Martínez. **Okupaciones de viviendas y de centros sociales: autogestión, contracultura y conflictos urbanos**. Barcelona: Vírus, 2002.

MORENO, Lorenzo Navarrete. **La autopercepción de los jóvenes okupas en España**. Madrid: Instituto de La Juventud, 1999.

MORSE, Richard M. **Formação histórica de São Paulo – de comunidade à metrópole**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.



O Estado, Florianópolis, Santa Catarina, 13 de julho de 1993.

Os Impregnantes (Zine). Curitiba, 1998.

SCHECTER, Stephen. **Política da Libertação Urbana**. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Sementeira, 1983.

SIMMEL, George. **As grandes cidades e a vida do espírito** (1903). MANA 11 (2), 2005.

SMITH, Neil. **A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à "regeneração" urbana como estratégia urbana global**. BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (Coord.). De Volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos. Tradução: Helena Menna Barreto Silva. São Paulo: Annablume, 2006.

RUDY, Cleber. **Ocupar com K**. Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 8, Nº 95, 2013.

TUINSTRA, Rob & FARIAS, Priscila. **KRAKERS**. Animal 15, 1991.

Recebido em 03 de fevereiro de 2019;

Aceito em 13 de março de 2019;

Publicado em 13 de março de 2019.